

# EL ARTE RUPESTRE COMO LEGADO PREHISTÓRICO EN LA ISLA DE SANTA CATARINA, BRASIL

## *The rock art as prehistoric legacy in Santa Catarina Island, Brasil*

Rodrigo Luiz SIMAS DE AGUIAR

*Profesor de Antropología Cultural. Faculdades Energia-SC-Brasil. R. Marechal Rondon, 1223-Jardim Atlântico. 88117-030 Florianópolis-SC. Correo-e: rsimas@brturbo.com.*

Fecha de aceptación de la versión definitiva: 12-02-02

BIBLID [0514-7336 (2003) 56; 275-285]

RESUMEN: El estudio del arte rupestre se desarrolló de manera considerable, principalmente en la última década, donde aparece un gran rol de técnicas para aplicar método a las investigaciones sobre el tema. El arte rupestre de la Isla de Santa Catarina, sur de Brasil, presenta un importante papel como legado de las poblaciones prehistóricas que habitaron la región. El levantamiento del arte rupestre podrá garantizar la preservación de esta identidad y ayudar a futuras investigaciones sobre la temática.

*Palabras clave:* Arte rupestre. Prehistoria. Isla de Santa Catarina, Brasil.

ABSTRACT: The rock art studies have grown in the last 10 years, when many techniques were developed to apply methods in that research area. The rock art in Santa Catarina Island plays an important role as legacy of the prehistoric populations that lived in this area. This rock art survey will guarantee the preservation of this identity and will support future researches.

*Key words:* Rock art. Pre-history. Santa Catarina Island.

### 1. Introdução

O estudo da arte rupestre vem ganhando especial atenção dentro da comunidade arqueológica que, especialmente nas últimas duas décadas, buscou com empenho a aplicação de novos métodos de registro e pesquisa sobre o tema. O uso do termo “arqueologia rupestre” ganhou especial destaque em Val Camonica - Itália, no ano de 1989, apontando a necessidade de se encarar o estudo da arte rupestre como disciplina arqueológica (Fossati, 1997).

O principal desafio no estudo da arte rupestre é a subjetividade dos dados, já que o objeto de estudo é nada mais que um bloco ou paredão rochoso, pintado ou gravado, o que dificulta a principal resposta ao questionamento capital: quem foram os autores e qual a mensagem transmitida pelos grafismos?

O arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz elabora a seguinte definição do termo arte rupestre:

Por arte rupestre entende-se toda expressão gráfica –gravura ou pintura– que utiliza como suporte uma superfície rochosa, independente de sua qualidade e de suas dimensões: podem ser paredes de abrigos, de grutas ou de penhascos, mas também de rochas isoladas ou agrupadas em campo aberto. (Schmitz, 1984: 07)

A primeira referência à arte rupestre brasileira vem da palavra tupi *itacoatiara*, significando pedra pintada: “São as **itacoatiaras** (pedras pintadas, em tupy ou nheengatú)” (Ramos, 1930: 55).

Mesmo podendo o termo *itacoatiara* receber o significado literal de “pedra pintada”, muitos dos símbolos encontrados na região de Itacoatiara (Estado do Amazonas) pertencerem ao grupo das gravações rupestres. Isso pode ser um indicativo de que o termo *itacoatiara* era aplicado a

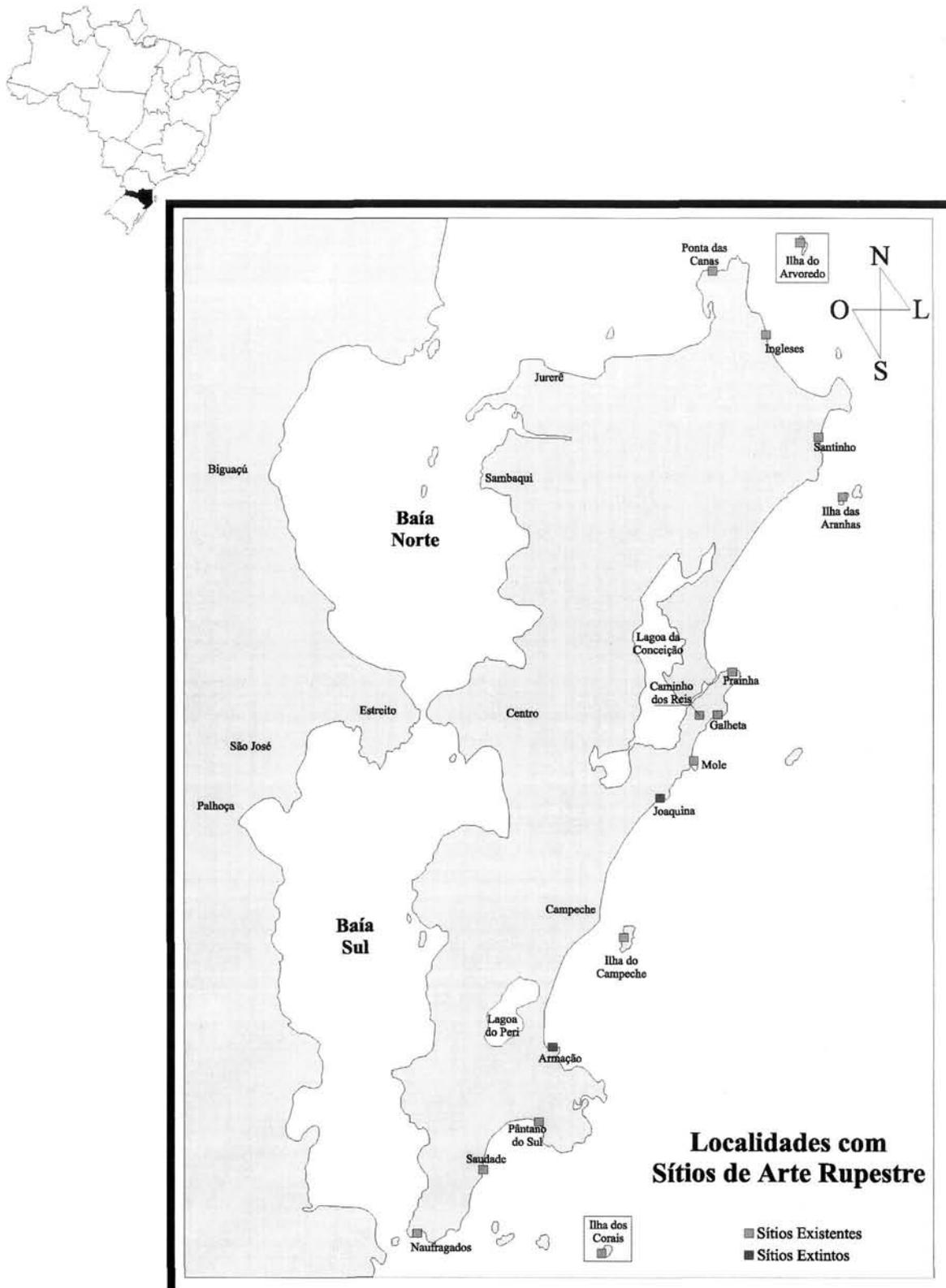


FIG. 1. Mapa de localização da Ilha de Santa Catarina e dos sítios de arte rupestre.

toda espécie de manifestação rupestre, seja pintura ou gravação. Pode ainda apontar para a possibilidade das gravações desta área tenham recebido pintura em seus sulcos, apontando o uso da técnica denominada *induto* (Aguiar, 2002).

Quando um arqueólogo inicia sua pesquisa sobre determinado sítio de arte rupestre, deve estar atento aos métodos de registro e documentação, bem como tomar extenso conhecimento do contexto histórico que envolve a área em estudo. Reconstituir o passado das populações que habitaram a região em estudo fornece a base necessária para melhor compreender o pano de fundo que envolve o complexo rupestre pesquisado.

O presente artigo ocupa-se da arte rupestre localizada no litoral do Estado de Santa Catarina, Brasil, mais precisamente na Ilha de Santa Catarina e suas ilhas adjacentes.

Quanto a localização geográfica, a Ilha de Santa Catarina está situada no litoral sul do Brasil, dentro do estado que recebe o mesmo nome. A Ilha de Santa Catarina está situada sob as coordenadas geográficas 27°22'49"S e 48°21'05"W, possuindo 436,5 Km<sup>2</sup> de área territorial. Em suas adjacências, acompanhando a linha externa, surgem diversas ilhas de menores dimensões, algumas destas com sítios de arte rupestre: as ilhas do Arvoredo, das Aranhas, do Campeche e dos Corais.

São características geomorfológicas do litoral de Santa Catarina, praias arenosas de curta e média extensão, separadas por costões rochosos. Uma fauna marinha e terrestre abundante constituía o ecossistema à 5.000 A.P.<sup>1</sup>, quando os primeiros homens começaram a chegar na região da Ilha de Santa Catarina<sup>2</sup>. Além de peixes, mamíferos aquáticos (como a baleia e o golfinho), mamíferos terrestre de pequeno e médio porte (como a onça e o porco do mato), podiam os primeiros homens contar ainda com a coleta de moluscos.

## 2. A ocupação humana dentro de um complexo rupestre

Entender os povos que habitaram uma determinada área com arte rupestre é indispensável

<sup>1</sup> Antes do presente.

<sup>2</sup> Data referente ao sítio arqueológico do Porto do Rio Vermelho, datado em 5.000 anos (Lima, 2000).

para criar a noção contextual, que dará importante subsídio para um levantamento.

Quando a região em estudo foi ocupada por uma única cultura, fica mais fácil inferir aspectos culturais e interpretativos. Mas, geralmente, uma região abrigou sucessivas ocupações por distintas culturas. Isso conduz o pesquisador a buscar métodos alternativos na tentativa de estabelecer seriação arqueológica e cronologia relativa.

Não existe um método totalmente eficaz para datação de arte rupestre. O *Direct Dating*<sup>3</sup>, método desenvolvido para datação de petroglifos, considera os fenômenos de desgaste lítico como universais, sendo assim chamado de *Blind Method*<sup>4</sup>. Além disso, o erro relativo de uma datação direta gira em torno de 2.000 anos, “demonstrando que, no momento, este método não constitui uma boa solução para datar petroglifos. Mas no futuro, com o crescente desenvolvimento tecnológico, pode se tornar uma poderosa ferramenta para o arqueólogo rupestre” (Aguiar, 2001: 45).

Outro meio empregado pelos arqueólogos para datar arte rupestre é relacionando um bloco soterrado em um dos níveis arqueológicos de um assentamento junto ao sítio de arte rupestre, ou ainda estabelecendo padrões de deposição de resíduos para atribuir uma data a um grafismo que se encontra encoberto (Prous, 1992). Apesar das pesquisas baseadas em tal técnica representarem mais uma contribuição para o estudo da arte rupestre brasileira, a subjetividade por detrás de tal método de análise o aproxima mais da inferência do que do dado concreto.

O melhor meio de se obter uma seriação arqueológica é por meio da cronologia relativa, a partir da análise da estratigrafia rupestre<sup>5</sup>, que poderá fornecer os elementos necessários para

<sup>3</sup> Método de datação direta com base na análise dos fenômenos de micro-regreção dos cristais de quartzo decorrente da ação das intempéries.

<sup>4</sup> Arcà & Fossati (1996): “A question of stile - Direct Dating vs. Rupestrian Archaeology?”. *Tracce: Online Rock Art Bulletin*, n.º 3 (<http://www.rupestre.net/tracce/>).

<sup>5</sup> Análise das sobreposições de grafismos rupestres, definindo o elemento sobreposto, que seria posterior ao que se encontra por baixo dos sulcos deste.

se estabelecer, juntamente com a análise estilística e frequencial, a base necessária para encontrar o diacronismo buscado através da análise das sobreposições de grafismos. A comparação com elementos gráficos da cultura material, como escudos, vasos cerâmicos e arte mobiliária, complementariam os dados para estabelecer a cronologia relativa (Aguiar, 2001: 46).

### 3. O Contexto da Arte Rupestre na Ilha de Santa Catarina

Na Ilha de Santa Catarina não há assentamentos próximos dos sítios de arte rupestre, pois a superfície escolhida pelos autores foram os diques de diabásio, que se encontram de frente para o mar. Estes diques são parte do que chamamos popularmente de costões, formações rochosas que separam as praias arenosas umas das outras.

A arte rupestre no litoral de Santa Catarina se manifesta exclusivamente na forma de petroglifos. Os petroglifos são grafismos executados em superfícies rochosas, cujas linhas são obtidas pela percussão ou fricção de um instrumento de pedra contra a rocha. Na Ilha de Santa Catarina, os petroglifos podem ser divididos em duas modalidades, de acordo com a técnica empregada:

- *O picoteamento*, quando a percussão do objeto de pedra contra a superfície rochosa arranca pequenas lascas arredondadas, dando forma ao sulco.
- *O polimento*, quando os sulcos são obtidos por meio de fricção de um objeto ou pedaço de pedra contra a superfície rochosa, gerando linhas em forma de canaleta polida.

Quanto ao estilo, são figuras geométricas abstratas, dificultando demasiado as inferências interpretativas. A Ilha de Santa Catarina foi ocupada, sucessivamente, por três culturas distintas e pouco estudadas, e as sobreposições a serem analisadas são muito poucas. Isso impede que se faça uma precisa associação da arte rupestre com aspectos culturais das populações pré-históricas, inviabilizando o estabelecimento de seriação arqueológica.

Se sabe que, em um primeiro momento, não serão identificados os autores e muito menos se poderá sugerir uma possível interpretação dos símbolos. Mas a pesquisa não perde sua importância. O objetivo básico passa a ser uma completa tomada de informações, montando uma rede de dados para preservar a identidade pré-colonial do local e fornecer subsídios para futuras pesquisas.

O vandalismo vem contribuindo para a destruição desta e de outras modalidades de sítios arqueológicos, fato que já vem ocorrendo de longa data. O arqueólogo João Alfredo Rohr relata a ação de caçadores de tesouros que explodiram paredões rochosos com gravuras rupestres, acreditando que os símbolos eram indicadores de tesouros escondidos:

Assim, na Ilha de Porto Belo e na Ilha do Campeche, parte dos petroglifos foram destruídos, a dinamite, pelos ingênuos caçadores de tesouros. O mesmo sucedeu com parte dos petroglifos existentes em Caxambú do Sul, no oeste catarinense, próximo às margens do Rio Uruguai. (Rohr, 1959: 04).

A destruição dos petroglifos corresponde a perda irremediável de uma parte relativamente grande da história do homem na Ilha de Santa Catarina, que pode corresponder a mais de 4.000 anos em relação aos 5.000 de ocupação humana.

### 4. As populações pré-históricas na Ilha de Santa Catarina

Três culturas compõem a Pré-história da Ilha de Santa Catarina e suas adjacências: os *caçadores e coletores*, os *itararé* e os *guarani*. Há uma grande dificuldade em identificar qual das três culturas foi a autora dos petroglifos, principalmente pelo pouco número de sobreposições e pela quase ausência de objetos com grafismos análogos que pudessem oferecer subsídios concretos para comparações. De qualquer forma, a compreensão deste passado pré-histórico é indispensável para a montagem de uma rede de dados que poderá servir, futuramente, de subsídio para uma seriação arqueológica.

**Os caçadores e coletores.** Foram os primeiros habitantes da Ilha de Santa Catarina, tendo como vestígio mais antigo o sítio da praia do Pântano do Sul, com 4500 AP (Rohr, 1977) e o do Porto do Rio Vermelho 1, na Lagoa da Conceição, cujas descobertas recentes do Arqueólogo Marco Aurélio Nadal De Masi atribuem a esta tradição 5020 AP (Apud Lima, 2002). Foram os construtores dos *sambaquis*, estruturas que se encontram espalhadas por toda a região. Os *sambaquis* são montes cônicos, compostos de conchas e resíduos alimentares, resultantes da intensa atividade humana de caça e coleta. O acúmulo destes detritos em um lugar específico tinha por finalidade constituir um local seco e alto na planície úmida (Bastos, 1994). Em um local seco eles podiam residir, valendo-se da altura para avistar cardumes de peixes e vigiar a aproximação de qualquer coisa que oferecesse risco àquela comunidade.

Como o *sambaqui* serviu de moradia, estão presentes em seus estratos arqueológicos diversos vestígios da presença humana, como utensílios líticos e ósseos –lâminas de machados, anzóis e pontas de projéteis –, restos de fogueiras e sepultamentos. A diversidade das instrumentações encontradas nos *sambaquis*, assim como na morfologia dos montes e suas respectivas dimensões, demonstram diferentes estágios culturais entre os diversos assentamentos de caçadores e coletores dispostos por todo o litoral catarinense. Quanto à morfologia, os *sambaquis* apresentam três modalidades: as trincheiras –pouco altos e muito extensos, os de encostas de morros e os grandes montes cônicos (Bastos, *op.cit.*). Santa Catarina contou com os maiores *sambaquis* do mundo, que chegaram a atingir 30 metros de altura por centenas de comprimento (Faria, 1959). Sendo os caçadores e coletores indivíduos pré-ceramistas, algumas vezes, se utilizavam de vasilhas de barro cru para estocagem de alimentos, como constatou o arqueólogo Alan Bryan (1961) em sua escavação no *sambaqui* do Forte Marechal Luz.

Há a possibilidade de que os caçadores e coletores tenham praticado a pintura corporal, pois aparecem resíduos de pigmentos nos ossos dos sepultamentos (Rohr, 1962). Estes Sepultamentos, na maioria das vezes, eram acompanhados de

alguma espécie de mobiliário funerário, como colares, machados e pontas de projéteis, entre outros (Schmitz *et al.*, 1992). Até a década de 80, a indústria de cal aproveitava as conchas dos *sambaquis* como matéria prima, o que levou grande parte destes concheiros à completa destruição.

**Os Itararé.** O segundo grupo humano a habitar a Ilha de Santa Catarina foi o *itararé*. Eram ceramistas do grupo *gê*, provavelmente vindos do planalto. Apesar de ceramistas, a agricultura entre os *itararé* do litoral é uma hipótese discutível, pois os indivíduos encontrados nesta região apresentam poucas cáries, o que pode ser indicador da ausência de carboidrato na dieta alimentar (Silva, 1988). A cerâmica *itararé* é facilmente identificável. Se caracteriza por pequenos recipientes de função exclusivamente utilitária, para preparo e estocagem de alimentos, e sua cor varia entre pardacenta escura e preta. A presença de pigmentos vermelhos nos sepultamentos indica que, assim como os caçadores e coletores, praticavam pinturas corporais. Para esta tradição, só há duas datações: 1140 AP para Base Aérea e 800 AP para praia da Tapera (Schmitz, 1996), ambos sítios na Ilha de Santa Catarina. Os cemitérios *itararé* eram, na grande maioria, domiciliares, e as ossadas se encontram dispostas em forma de círculo ou semi-círculo (Silva, *op. cit.*). Na instrumentação, faziam uso de ferramentas de pedra polida, juntamente com uma abundante indústria óssea.

**Os guarani.** O último grupo humano pré-colonial que habitou a Ilha de Santa Catarina foi o *guarani*. Chamado pelos cronistas que passaram pela Ilha de Santa Catarina de *carijó*, membros da grande nação *guarani*, foi este o índio que teve contato com o europeu colonizador. Infelizmente, até pouco, não se sabia a quanto tempo os *carijó* habitavam a Ilha e muito menos se teriam mantido contato com o *itararé*, pois nenhuma datação havia sido feita aos poucos assentamentos estudados. Porém, os mesmos estudos de De Masi, mencionados anteriormente, atribuem a esta cultura uma datação de 910 AP da sua presença na Ilha de Santa Catarina (Apud Lima, 2000), data esta em que ainda haviam aldeias *itararé*. Dados apontam para a possibilidade de que tenha havido conflitos inter-étnicos (Aguiar, 2001).

Os *guarani* tinham na agricultura uma imprescindível fonte alimentar. Cultivava milho, batata, mandioca, feijão (Melià, 1992), além de aproveitarem paralelamente a caça e a coleta (Aguiar, *op. cit.*).

A nação *guarani* é o resultado de uma intensa onda migratória. Não há consenso no que diz respeito ao local de origem da nação *guarani* bem como as decorrentes rotas de migração. A *glotocronologia* estabelece a origem do tronco tupi nos rios Ji-Paraná e Aripuaná, tributários do rio Madeira, afluente do Amazonas. Num processo que pode ter durado uns 3.000 anos, desprende-se do proto-tupi o tupi-guarani e que, mais tarde, veio a separar-se: tupi para um lado e guarani para outro (Cunha, 1992). Aproveitando a mobilidade oferecida pelos rios, os *guarani* deslocaram-se para o Sul do Brasil, entrando no Estado de Santa Catarina pelos rios Paraná e Uruguai.

O idioma *guarani* era uma importante ferramenta para o europeu colonizador. A língua *guarani* era tão difundida que foi utilizada como língua franca, auxiliando no deslocamento das incursões desbravadoras, de território para território (Melià, 1992).

Em tempos pré-coloniais, a cerâmica ocupou um status demasiadamente importante, tendo além do caráter utilitário, um forte papel ritualístico. Alguns sepultamentos se davam na forma de um ritual muito conhecido, praticado também pelos *carijó*, que era o enterramento em *igachabas*<sup>6</sup>. As decorações da cerâmica *guarani* variam de plásticas<sup>7</sup> à pintadas. Evidências etno-históricas

<sup>6</sup> Palavra derivada do tupi-guarani, utilizada para referir-se aos grandes vasos de cerâmica, utilizados pelos *carijó* como urna funerária.

<sup>7</sup> Tradição corrugada, onde incisões eram feitas no recipiente de barro, com auxílio dos dedos, unhas, escovas vegetais ou espigas de milho.



FIG. 2. Índia *mbya guarani* vende artesanato no centro da cidade.

indicam que os *guarani* também praticavam pintura corporal (Metraux, 1948).

Os maus tratos e a utilização dos *guarani* como mão de obra escrava ou como soldados de guerra, associado ao conflito pela disputa de terras, levou a grande nação à um dramático desfecho (Santos, 1992).

E assim, a exemplo de toda a nação *guarani*, os *carijó* foram mortos ou escravizados. Acredita-se que os *carijó*, na Ilha de Santa Catarina, tenham sido totalmente dizimados devido ao caráter pacífico, que era inerente não somente a eles, mas a diversas tribos *guarani*, caráter este perceptível nos textos de diversos cronistas, como Cabeza de Vaca:

(...) desde 6 de enero hasta 10 del pasado mês pasaron por muchos pueblos de indios de la generación de los guaraníes, y todos muy pacíficos y alegremente salieron a recibir al camino de cada pueblo su principal, y los otros indios con sus mujeres e hijos, cargados de bastimentos (...) A los 14 dias del mês de enero, yendo caminando por entre lugares de indios de la generación de los guaraníes, todos los cuales los recibieron com mucho placer, y los venían a ver y traer maíz, gallinas y miel y de los otros mantenimientos (...) (Cabeza de Vaca, 1984: 169-170).

Atualmente, vivem no litoral de Santa Catarina os *mbya*, membros do grupo linguístico *guarani*. As duas principais aldeias da área da Grande Florianópolis estão localizadas no Morro dos Cavalos e Massiambú, ambas no município de Palhoça. Os atuais *mbya* passam por intensos problemas sociais, tendo suas aldeias assoladas pela miséria. Vivem basicamente da venda de artesanatos típicos e da esmola. É comum encontrar as mulheres *mbya* no centro da cidade de Florianópolis, que se deslocam da aldeia para tentar vender algumas de suas peças de artesanato e receber esmola, de onde tiram o sustento para suas famílias.

### 5. Os petroglifos da Ilha de Santa Catarina

Os símbolos encontrados nos paredões rochosos da Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes, ocorrem exclusivamente como petroglifos.

Nenhuma pintura ou vestígio de pigmento nos sulcos destas gravações foi encontrado.

A técnica empregada foi, em primeiro lugar, o polimento. Com frequência muito inferior, aparecem as gravações obtidas por picoteamento. Porém, a evidência de ambas técnicas em um mesmo petroglifo demonstra que muitas vezes o grafismo era previamente esboçado por picoteamento, para receber o acabamento final através do polimento.

Como métodos de catálogo e registro, se utilizou a fotografia, relevo de contato, croquis e fichas de campo para anotação dos diversos dados.

O relevo de contato consiste em copiar a inscrição, em seu tamanho natural, numa folha de plástico transparente com uso de um marcador permanente. Este método é essencial para compreender as sobreposições e manter em laboratório uma cópia fiel da inscrição em seu tamanho natural, pois, quando um petroglifo é destruído,

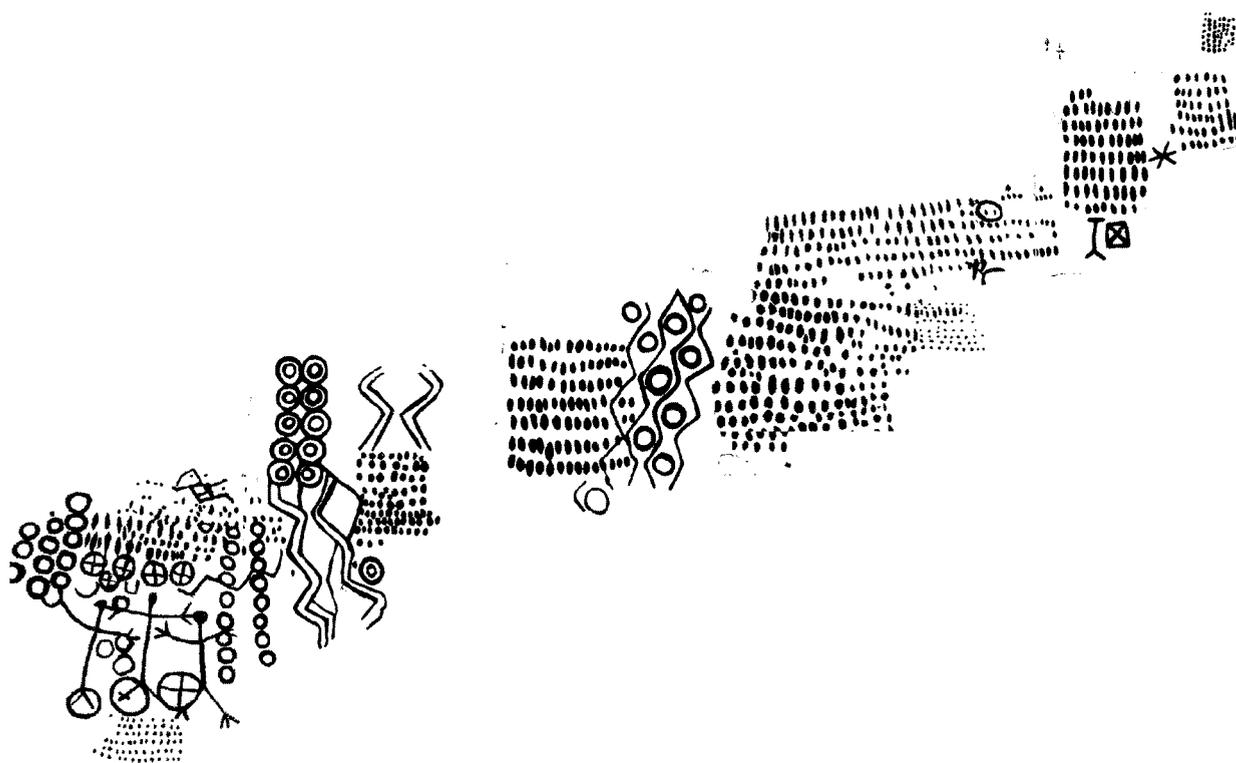


FIG. 3. Relevo de contato do painel do "Letreiro" da Ilha do Arvoredo.

seu relevo de contato passa a ser sua referência mais próxima.

O levantamento de arte rupestre na região resultou na catalogação de 564 símbolos gravados, agrupados em 32 sítios de arte rupestre, por sua vez dispostos em 14 localidades. Seguindo o sentido Norte – Sul, aparecem nas seguintes localidades: Ilha do Arvoredo, Ponta das Canas, Ingleses, Santinho, Ilha das Aranhas, Prainha, Galhera, Caminho dos Reis (Barra da Lagoa), Mole, Ilha do Campeche, Pântano do Sul, Solidão, Naufragados e Ilha dos Corais. Além destas 14 localidades, existem ainda os sítio extintos das praias da Joaquina e Armação do Sul.

Quanto a técnica de execução 522 símbolos foram feitos por polimento (92,7%), 36 por picoteamento (6,2%) e 6 (1,1%) associando as duas técnicas de confecção.

Os círculos são os elementos predominantes, seguidos das variações entre linhas onduladas e

zigue-zagues. Não há dados que possam comprovar, com clareza, diacronismo seguido de diferenciação estilística, mesmo porque são poucas as sobreposições a serem analisadas. Isso impede que se estabeleça uma diferenciação temporal ou que se registre a presença de sub-estilos, inviabilizando o relacionamento com as três culturas que habitaram a Ilha de Santa Catarina.

Há pouco tempo, acreditava-se que a arte rupestre litorânea se manifestava exclusivamente em Ilhas.

Seus sítios rupestres são os únicos até agora conhecidos no litoral brasileiro. Os painéis, todos gravados e de acesso difícil, por vezes perigoso, estão localizados exclusivamente em ilhas, até quinze quilômetros distantes do continente, e se orientam para o alto mar (Prous, 1992: 513).

Mas os petroglifos do Estado de Santa Catarina estão presentes também na região continental, em praias como a Praia da Pinheira e a Guarda, ambas no Município de Palhoça.

## 6. O legado

O fato da maioria dos símbolos não apresentarem possibilidades de interpretação e seriação arqueológica, algumas inferências relacionadas a símbolos isolados puderam ser levantadas.

A conotação religiosa-mística é a primeira interpretação que arriscam os pesquisadores sobre a arte rupestre. Com relação à conotação religiosa, Rohr comenta que:

Isso nos leva a crer que os petroglifos possam ter significado mágico religioso, destinando-se a tornar propícia a caça e a pesca; fatores estes, dos quais o índio dependia essencialmente na sua subsistência quotidiana.

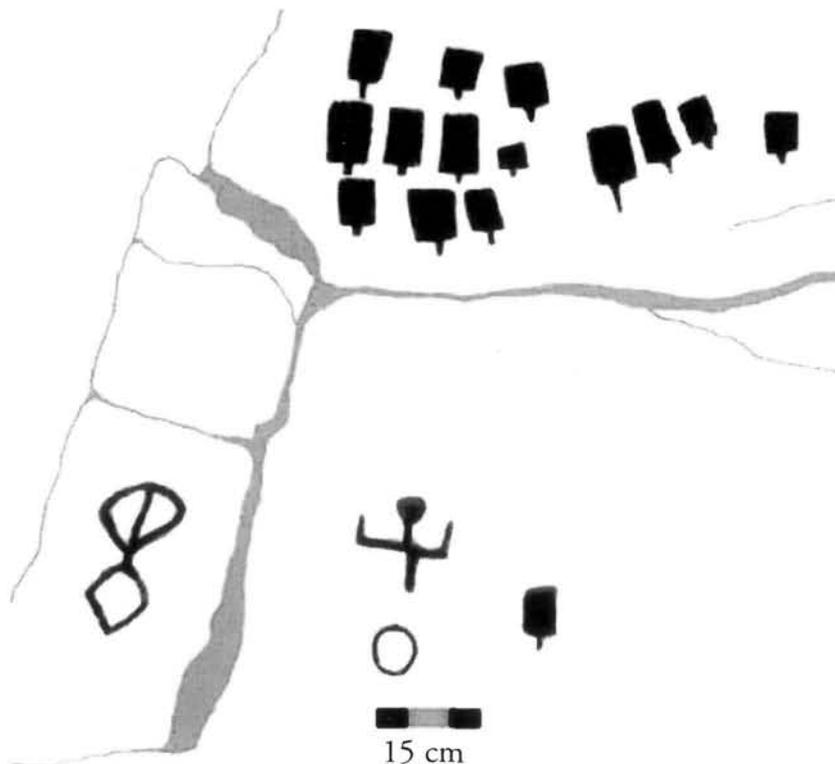


FIG. 4. Arte rupestre continental, praia da Pinheira, município de Palhoça-Santa Catarina.

Esta interpretação aproxima os petroglifos dos hieróglifos, que eram símbolos sagrados, gravados pelos sacerdotes em pedra ou outra matéria resistente (Rohr, 1959: 05).

O primeiro aspecto a ser considerado é que se tratavam de comunidades que viviam da pesca artesanal. Isso se constata pelos símbolos rediformes encontrados dispersos por toda a região de estudo. Em tais símbolos, os pontos gravados no interior da malha pode estar representando o pescado. A incontestável relação destas comunidades com a pesca já havia sido retratada por Rohr: “O homem do Pântano do Sul foi exímio pescador. Milhares de litros de ossadas de peixes, aí estão, a comprová-lo” (Rohr, 1977: 77). Isso comprova que a economia baseada na pesca artesanal, que até hoje é praticada mesmo com a

ameaça do esgotamento dos estoques pesqueiros por parte das grandes companhias, é a atividade econômica mais antiga da Ilha de Santa Catarina, datando de 5000 anos (Aguiar *et al.*, 2001).

A interpretação de símbolos é dificultada por não haver grande quantidade de material análogo. A cerâmica guarani guarda certa similaridade com suas decorações geométricas, porém, tais símbolos são comuns em todo o mundo.

Um interessante direcionamento foi registrado durante um estudo etnográfico na aldeia mbya guarani de Massiambu. Em conversa com um informante, constatei que ele havia interpretado um símbolo rupestre de maneira totalmente inesperada. Ao ser apresentado a uma figura antropomórfica, contou-me o informante que ele pronto havia relacionado a figura com um calendário de uma gestante, marcado pelos círculos



FIG. 5. Formação rediforme, Ilha do Campeche.

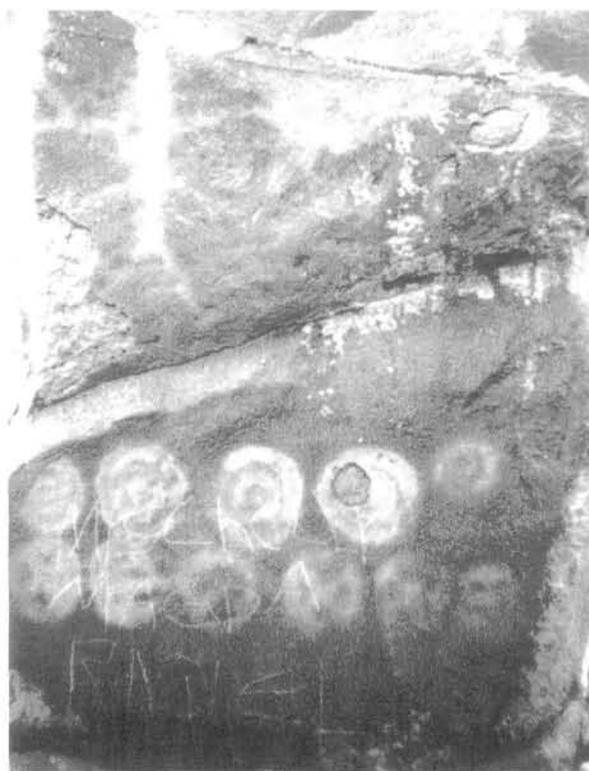


FIG. 6. Figura antropomórfica da praia do Santinho, interpretada por um informante mbya como sendo o calendário de uma gestante. Os círculos associados indicariam que a mulher morreu no último mês de gestação.



FIG. 7. *Antropomorfo da Praia do Pântano do Sul.*

que acompanhavam o antropomorfo, e os referidos círculos indicavam que a gestante havia morrido no último mês de gestação. Isso abre portas para novos questionamentos em relação à interpretação de símbolos rupestres no Litoral de Santa Catarina. Claro que não se pode relacionar os símbolos com a cultura guarani, posto que qualquer das três culturas podem ter sido autoras. Todavia, registrar a forma de pensamento dos indígenas atuais em relação a estes grafismos pode trazer uma nova luz ao estudo interpretativo. Para os indígenas, as esculturas e os desenhos eram as “car-

tilhas” de aprendizado, onde as novas gerações recebiam os ensinamentos em sua introdução ao mundo.

Um símbolo que pode guardar uma relação cronológica é a figura antropomórfica da Praia do Pântano do Sul. De estilo próprio e executada em picoteamento, esta figura, quando comparada com outros símbolos da Ilha de Santa Catarina, apresentando acentuado nível de desgaste e a intensa cobertura de pátina, pode-se supor que estes fatores vem a atestar sua antiguidade. Se levarmos em conta que somente duas culturas ocuparam a região, os caçadores e coletores há 4.500 anos, e os guarani a não mais de 1.000 anos, pode-se inferir que o símbolo só pode estar relacionado com a primeira cultura, atribuindo a este e a todos os que possuem semelhante forma e técnica de execução (como em Naufragados e Armação do Sul), entre 5.000 e 3.000 anos.

Novas tomadas de consciência estão criando um vínculo de identidade com este passado pré-histórico, que antes era desprezado. Os símbolos rupestres estão servindo de inspiração para os logotipos dos hotéis locais. Sistemas de visita guiada e constantes matérias jornalísticas sobre o tema reforçam a necessidade de preservação desse importante legado, cujos 5.000 anos de história não podem ser olvidados.



FIG. 8. *Petroglifo que serviu de inspiração para o logotipo do hotel Costão do Santinho.*

## Bibliografía

- AGUIAR, Rodrigo (2002): *Manual de Arqueologia Rupestre: uma introdução ao estudo da arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes*. Florianópolis: IOESC.
- (2001): *Arte indígena e pré-histórica no litoral de Santa Catarina*. Florianópolis: Bristot.
- AGUIAR, Rodrigo; AGUIAR, João B. S. & LOPES, Paulo C. S. (2001): “A pesca artesanal na praia do Pântano do Sul - SC (Brasil)”, *Revista de Ciências Humanas*, n.º 29. Florianópolis: EDUFSC, pp. 147-158.
- ARCÀ, Andrea; FOSSATI, Angelo; MARCHI, Elena & TOGNONI, Emanuela (1995): *Rupe Magna - La Roccia Incisa Più Grande delle Alpi*. Sondrio: Ministero Per i Beni Culturali e Ambientali & Soprintendenza Archeologica della Lombardia.
- ARCÀ, Andrea & FOSSATI, Angelo (1996): “A question of stilette-Direct Dating vs. Rupestrian Archaeology?”, *Tracce, Online Rock Art Bulletin*, n.º 3 <http://www.rupestre.net/tracce/>.
- BASTOS, Rossano Lopes (1994): *A Utilização dos Recursos Naturais pelo Homem Pré-histórico na Ilha de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 152 pp.
- BRYAN, Alan Lyle (1961): “Excavation of a Brazilian Shell Mounds”, *Science of Man Magazine*.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez (1984): *Naufragios y Comentarios*. Madrid: Historia 16.
- CUNHA, Manuela C. DA (1992): *História dos Índios do Brasil*. São Paulo: FAESP.
- FARIA, L. DE CASTRO (1959): *O Problema da Proteção aos Sambaquis*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- FOSSATI, Angelo (1997): “Rupestrian Archaeology”, *Tracce, Online Rock Art Bulletin*, n.º 6 ([www.rupestre.net/tracce/](http://www.rupestre.net/tracce/)).
- LIMA, Tania Andrade (2000): “Em busca dos frutos do mar: os pescadores e coletores do litoral centro-sul do Brasil”, *Revista USP*, n.º 44. São Paulo: CCS USP.
- MELIÀ, Bartolomeu (1992): *La lengua guaraní del Paraguay*. Madrid: MAPFRE.
- METRAUX, Alfred (1948): “The Guarani”. En *Handbook of South American Indians. Vol. 3 - The Tropical Forest Tribes*. Washington: Government Printing Office.
- PROUS, André (1992): *Arqueologia Brasileira*. São Paulo: UNB.
- RAMOS, Bernardo de Azevedo da Silva (1930): *Inscrições e Tradições da América Prehistorica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- ROHR, João Alfredo (1959): *Petroglifos da Ilha de Santa Catarina*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- (1960): *Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina n.º II - 1959*. Pesquisas Antropologia, n.º 8. Porto Alegre: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- (1962): *Pesquisas Paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense - n.º 4*. Pesquisas Antropologia, n.º 14. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- (1976): *Pré-História de Laguna*. Santo Antônio dos Anjos da Laguna - Edição comemorativa de seu tricentenário de fundação. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina.
- (1977): *O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul*. Florianópolis: Edição do Governo do Estado de Santa Catarina.
- SANTOS, Ángel (1992): *Los jesuitas en América*. Madrid: MAPFRE.
- SCHMITZ, P. I.; DE MASI, M. A.; VERARDI, I.; LAVINA, R. y JACOBUS, A. L. (1992): *Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr - O Sítio Arqueológico da Armação do Sul*. Pesquisas, n.º 48. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio (1984): *Arte Rupestre no Centro do Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- (1996): *Visão de conjunto dos sítios da Tapera, Armação do Sul, Laranjeiras I e II, Pântano do Sul e Cabeçadas*. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S. J. Pesquisas Antropologia, n.º 53. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- SILVA, Sérgio B. (1988): *O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um assentamento Itararé e Tupi-Guarani*. Porto Alegre: UFRS.